

A Faculdade de Teologia da IECLB prepara devidamente para o pastorado de hoje?

E. Schwantes

Inicialmente congratulo-me com todos, que de uma ou outra maneira, através da Faculdade de Teologia, colaboraram para que eu, bem como um grande número de brasileiros, pudessem preparar-se nestes últimos 25 anos para trabalhar de tempo integral na seara do Senhor em nossa pátria. A maioria dos que cursaram esta Faculdade, entrou no pastorado. Assim sendo a pergunta acima, sobre a qual foi pedido fazer algumas considerações, é de grande importância para o presente e o futuro da missão desta Faculdade.

Antes de mais nada, porém, devo dizer que muito me admiro por um tema desta natureza partir da Faculdade de Teologia, pois no meu tempo, há oito anos atrás, o pastorado para os estudantes e para a Faculdade era um tabu. Não se podia falar no pastorado, pois, segundo a opinião de alguns, a Faculdade de Teologia não visa formar pastores, mas teólogos. E isto se fazia sentir nitidamente no currículo: A teologia aplicada não tinha vez. E hoje estamos nós aqui aplicando teologia! As coisas mudaram? Ao que tudo indica a Faculdade de Teologia pretende enquadrar-se na realidade brasileira e formar também pastores. A Faculdade de Teologia está aceitando pelo menos o namôro com o pastorado, o que foi oficializado com o "I Encontro Entre Estudantes e Pastores". Espero que no "II Encontro" saia o noivado.

Ao procurarmos, porém, uma resposta ao tema, um primeiro ponto deve ser esclarecido: O pastorado de hoje. A expressão "pastorado de hoje" deixa claro que cada época tem a sua forma de pastorado. Mas qual é a forma do pastorado de hoje, para o qual a Faculdade de Teologia pretende preparar os estudantes? Creio que a resposta ao tema depende fundamentalmente desta questão, a qual, porém, está longe de ter sido resolvida. A discussão em torno do "pastorado de hoje" apenas há alguns anos, em alguns círculos, foi iniciada extra-oficialmente. Semi-oficialmente êste assunto foi discutido, ao que me consta, pela primeira vez no "I Encontro Entre Estudantes e Pastores" no ano passado e será novamente o tema do II Encontro. Mas oficialmente ainda não vi nenhuma declaração por parte de órgãos diretivos da IECLB. Assim sendo, o pastorado hoje continua oficialmente na forma tradicional, a qual legal e estatutariamente prevê o "Ein-Mann-System". Esta forma, porém, a meu ver está superada e, nos dias atuais, é contraproducente, também na pregação do evangelho. Por isto, para ser sincero comigo

mesmo, não posso mais falar, pensar e escrever, partindo daquela forma superada do pastorado. Por não haver um nôvo tipo de “pastorado de hoje” definido e realizado, o qual eu poderia pressupor como conhecido para as considerações referentes ao tema, devo, em rápidos traços e em forma de teses, definir a minha posição, que servirá de base para responder à pergunta do tema.

1) O pastorado, tendo as suas origens na época da monarquia (Ein-Mann-System), adaptou as formas do govêrno estatal à Igreja e comunidade, de modo que o pastor era um “pequeno monarca” na comunidade. Nada era feito e nada acontecia sem que o pastor o encabeçasse (como o monarca pessoalmente acompanhava e comandava um exêrcito numa guerra).

2) Este pastorado tradicional é a forma legal e estatutária da IECLB (ver art. 13 do Estatuto do Ministério Eclesiástico e o anteprojeto da Ordem da Vida Eclesiástica da IECLB). Quem violar esta forma legalizada, está sujeito à lei disciplinar.

3) Com a mecanização, industrialização, urbanização, secularização, etc. a vida ficou tão complexa, que nem mesmo uma indústria de tamanho médio pode ser dirigida por um homem, muito menos um Estado ou uma organização semelhante. A esta situação as formas de govêrno como as administrações de emprêsas se adaptaram, contratando especialistas para os diferentes setores. Na Igreja, porém, o “Ein-Mann-System” prevalece ainda hoje.

4) A Igreja, mantendo a forma tradicional do pastorado, não poderá jamais atender satisfatoriamente todos os diferentes e complexos setores de sua missão.

5) Enquanto a Igreja permanecer prêsa ao “Ein-Mann-System”, os membros permanecem ou são impelidos para a passividade (cristãos não praticantes!).

6) As tarefas da Igreja são muitas, mas os dons para a execução destas diferentes tarefas são, conforme I Cor. 12, 4ss; Ef. 4, 11; I Pe. 4, 10; etc., distribuídos entre muitos.

7) Estes dons dos membros das comunidades devem ser despertados, formados e aperfeiçoados.

8) O pastor como aquêle que estudou teologia e se especializou, é a pessoa indicada para formar os membros que querem pôr à disposição os seus dons especiais para tarefas específicas da missão da Igreja. Confirma J. Ohler: Gedanken und Anregungen zur Zukunft unserer Kirche, Estudos Teológicos, Nova Seqüência Ano 9, N.º 2, p. 114ss.

Conclusão: O pastor, a meu ver, não é a pessoa que deve carregar tôda responsabilidade de todo trabalho numa comunidade e muito menos fazê-lo. Sob trabalho entendo aqui também a pregação, a administração dos sacramentos, os ofícios, a poimênica, estudos bíblicos, ensino confirmatório, visitas a doentes e aos demais membros da comunidade, etc. O pastor poderá enquadrar-se nesta missão, mas a sua tarefa específica, à qual êle deverá dedicar o seu principal tempo e esforço, consiste em desenvolver os dons dos

obreiros de uma comunidade para o trabalho na seara do Senhor. Assim eu vejo o "pastorado de hoje" e me pergunto, se é para este pastorado, que a Faculdade de Teologia prepara os estudantes devidamente. A resposta, creio, deve ser dada sob dois pontos de vista diferentes.

a) Sob o ponto de vista teórico, isto é, teológico. A Faculdade de Teologia, sendo uma faculdade puramente eclesiástica, não está sujeita às leis de ensino do Estado e também não é controlada por este. Ela tem assim toda liberdade para escolher o seu próprio currículo de aulas e o seu próprio método. O currículo adotado na Faculdade de Teologia considero ótimo, pois é bastante intensivo. O estudante tem a oportunidade de aprofundar e de aperfeiçoar-se metódicamente em assuntos teológicos e confessionais. Após os cinco anos de estudo o candidato poderá ter boa base teológica. Excelente é também o método do estudo. Através deste o estudante é obrigado não a repetir o que estudou em livros, mas a pensar criticamente e a tomar posição. Em comparação com outras faculdades do país talvez seja este o ponto mais positivo. Possivelmente reside nisto um dos motivos, porque estudantes que passaram a Faculdade de Teologia e que não entraram no pastorado, conseguem facilmente galgar altas posições em outros ramos e porque os que entram no trabalho eclesiástico conseguem adaptar-se com relativa facilidade à nova situação nas comunidades, sobre a qual, no decorrer do estudo, pouquíssimo tem ouvido e aprendido. Portanto, sob o ponto de vista teórico-teológico a Faculdade de Teologia dá um ótimo preparo para o pastorado de hoje, o qual, como todas as outras profissões, exige profundos conhecimentos especializados. A Faculdade de Teologia é uma das faculdades que dá um ótimo preparo teórico para a realidade brasileira.

b) Sob o ponto de vista prático. Se sob o ponto de vista teórico podem ser expressos os maiores elogios ao estudo na Faculdade, sob o ponto de vista prático a situação é catastrófica. Como já foi dito acima, nunca foi dada atenção à formação prática dos estudantes, embora no meu tempo sempre tenha sido reclamada. A deficiência está principalmente na falta completa de aulas práticas. Hoje, porém, formação profissional não mais é concebível sem instrução prática (imaginem-se, por exemplo, um cirurgião que durante o tempo de estudo nunca pegou num bisturi). Não obstante, a primeira vez que o estudante na Faculdade de Teologia é obrigado a entrar na prática, é a hora do 1.º Exame Teológico, quando deve ministrar uma catequese e dirigir um culto. Se alguns estudantes já antes praticam pelo menos isto, não é por força do currículo, mas por interesse próprio. Em todas as demais práticas pastorais o candidato é jogado após o 1.º Exame Teológico, acompanhando-o apenas os votos de que Deus o ilumine. Não é legítimo a Faculdade de Teologia se esquivar desta responsabilidade, apontando para a regulamentação do "Practicum", pois este na realidade não existe e, na nossa situação, é utópico. Trata-se de mais uma bonita coisa copiada de outra Igreja, mas irrealizável na nossa. Assim sendo, a Faculdade não prepara o candidato suficientemente, nem para

a prática do pastorado tradicional, nem para uma nova forma do ministério.

É claro que a Faculdade não está em condições de preparar o candidato para a infinidade de setores que perfazem a estrutura do pastorado atual — desde a escola dominical infantil até a poimênica junto a um moribundo. Mesmo que fôsse introduzido um treinamento profissional intensivo, os diversos setores de trabalho de um pastor na situação de hoje sômente poderiam ser tocados de longe. O que urge, por isso, é a especialização. Essa especialização não só é necessária para proporcionar ao candidato um verdadeiro e aprofundado preparo profissional durante o estudo na Faculdade, mas sim também — e isso em primeiro lugar —, porque uma forma atualizada do pastorado a exige. Para melhorar a nossa situação se faz mister um estudo minucioso sôbre o que vem a ser o pastorado hoje e amanhã para então adaptar o currículo e o método da teologia aplicada na Faculdade às exigências que de um tal estudo se evidenciarem. Conforme vejo o pastorado hoje, diria que o pastor não deve ser formado para fazer todo trabalho numa comunidade, mas para instruir e formar os que têm dons para as diferentes tarefas. Neste sentido a formação que recebemos na Faculdade de Teologia em nada nos auxilia. Mas posso imaginar que um currículo reformado e adaptado à realidade brasileira muito contribuirá para o desempenho da missão, da qual é incumbida a Igreja de Jesus Cristo em nossa pátria.